

MARCOS MAGALHÃES RUBINGER

PROJETO DE PESQUISA
MAXAKALI

GRUPO INDÍGENA DO NORDESTE DE MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE, MG. — BRASIL

1963

1963

PROJETO DE PESQUISA MAXAKALI

MARCOS MAGALHÃES RUBINGER

PROJETO DE PESQUISA MAXAKALI

MARCOS MAGALHÃES RUBINGER

**PROJETO DE PESQUISA
MAXAKALI**

GRUPO INDÍGENA DO NORDESTE DE MINAS GERAIS

2.^a Edição

Renato Nicolai

BELO HORIZONTE, MG. — BRASIL

1963

“Os professôres, sendo investigadores em atividade,
fazem adiantar a Ciência e formam investigadores”.

BERNARDO HOUSSAY
(Prêmio Nobel)

“Difícil é, na verdade, compreender como pode o
docente universitário formar-se, desenvolver a sua
capacidade de julgar e enriquecer o seu acêrvo
de conhecimentos sem ter experiência pessoal da
investigação nos domínios da sua disciplina, sem
ter ido ao encontro das realidades de que se ocupa
na sua cátedra, sem haver verificado, ao menos até
certo ponto, a validade das teorias que outros lhe
propõem e que lhe cabe comunicar aos seus alunos”.

THALES DE AZEVEDO

ÍNDICE

Apresentação 9

PRIMEIRA PARTE

INTRODUÇÃO 11

Objetivos 11

Metodologia 14

Programa de Pesquisa 17

SEGUNDA PARTE

DESCRIÇÃO DA ÁREA 19

I — Caracterização Sócio-econômica 23

II — Área do Alto Jequitinhonha e Pardo e sua dinâmica ... 27

III — Área do Médio Jequitinhonha e sua dinâmica 33

IV — Situação atual da Área do Médio Jequitinhonha 41

TERCEIRA PARTE

BREVE CARACTERIZAÇÃO DA SOCIEDADE E DA CULTURA
MAXAKALI, ATRAVÉS DE DADOS FORNECIDOS POR ESPE-
CIALISTAS 45

ANEXO

Estudo Comparado das Sociedades Indígenas do Brasil 65

APRESENTAÇÃO

Apesar dos erros da política universitária brasileira, nada pode deter as vocações legítimas para o magistério. Com o correr dos tempos, a arte de despertar e de orientar aptidões para o trabalho científico modificou-se profundamente. A universidade filosófica da Idade Média — expressão de uma época estável, estratificada, sem capilaridade — recolhia as elites mentais atraídas predominantemente para os temas especulativos e mesclava ciência e ensino religioso, talvez como regra de perenidade. Mas, aos poucos, ciência e pensamento livre invadiram a universidade, tornando-a menos um centro de debates filosóficos e especulativos do que núcleo de formação profissional. Deixa de ser teologal na época das Luzes e, insistindo na formação profissional, começa a fazer-se científica.

É bem verdade que a universidade padeceu no século passado dos excessos de uma fase em que esteve a ponto de criar-se uma religião da ciência.

Ainda hoje grandes espíritos recusam-se a aceitar que a universidade se torne um centro de pesquisas: tal é o pensamento de Ortega y Gasset e de Jacques Maritain. Mas a ciência constitui produto da atividade social e sem pesquisa sistemática fenecem as possibilidades de progresso. Pasteur já insinuou que a ciência e a sua aplicação técnica são tão naturalmente inseparáveis como a árvore e o fruto. Conhecimento e pesquisa são elementos da mesma equação.

O professor Marcos Magalhães Rubinger divulga presentemente um projeto de pesquisa elaborado em 1961, ocasião de seu estágio na Divisão de Antropologia do Museu Nacional. O juízo dos méritos do trabalho pertencerá de agora em diante aos leitores versados na matéria.

Posso dizer apenas que tenho sido testemunha dos ingentes esforços que o professor vem desenvolvendo para testar as hipóteses de trabalho levantadas; em julho de 1962 e em janeiro de 1963 deslocou-se para as aldeias dos Maxakali a fim de observar de visu o processo em que se envolveu a sociedade tribal nas suas relações com a sociedade colonial e neo-brasileira. Promete, por isso mesmo, nova publicação em que os métodos previstos no presente projeto (funcional-estrutural e de reconstrução histórica) vão ao encontro de apelos concretos.

Este projeto focaliza duas áreas contíguas, de formas diferentes de propriedade e de uso da terra: na do Alto Jequitinhonha e Pardo, com propriedades de menos de 141 ha., a terra foi bastante dividida em decorrência de processos econômicos extrativo-minerais; os índios daí teriam desaparecido por destribalização, aldeamentos de cativo e destruição armada; na do Médio Jequitinhonha, com propriedades de mais de 141 ha., os índios Maxakali teriam logrado sobreviver, em função de uma economia pastoril, modesta e incipientemente agrícola, de vez que encontraram refúgio nos rincões perdidos nos vastos latifúndios.

Com tais elementos, o prof. Marcos Magalhães Rubinger realizou um trabalho de interesse, recomendável aos especialistas da matéria e aos que nela desejam aprofundar-se. Na verdade, temos agora segunda edição do projeto, mais ampla, representativa do salto de uma circulação interna na Faculdade de Ciências Econômicas da U.M.G. à divulgação generalizada para o público interessado em problemas de Antropologia.

FÁBIO LUCAS

INTRODUÇÃO

OBJETIVOS — A presente pesquisa terá um duplo objetivo: 1) será parte de uma investigação comparativa da estrutura e da organização social das tribos brasileiras; 2) constituir-se-á numa monografia, isto é, em estudo global da sociedade Maxakali.

No primeiro caso, a pesquisa estará vinculada a um projeto maior, elaborado pelo professor Roberto Cardoso de Oliveira para a Divisão de Antropologia do Museu Nacional.

O referido professor está pondo em funcionamento um estudo completo ou sistemático de diversos tipos de sociedade. Sabedor de que as nossas sociedades tribais estão sendo rapidamente destruídas, êle se põe, então, à campo para colher o material fundamental à comparação sociológica. Aconselha Radcliffe-Brown que «quanto maior número de tribos estudarmos intensivamente, tanto mais acurada e certa será a nossa definição do tipo; e, por conseguinte, somente possível (a definição do tipo) por meio de um processo de análise incluindo comparação e abstração».¹

Transcrevemos parte da exposição feita pelo professor Roberto Cardoso de Oliveira ao Conselho de Pesquisa da Universidade do Brasil a fim de obter o financiamento para a investigação, exposição essa que retrata bem o primeiro objetivo: «PESQUISA MAXAKALI — Será realizada pelo etnólogo Marcos Magalhães Rubinger, graduado pelo Curso

1. Radcliffe-Brown, A.R.: *O Desenvolvimento da Antropologia Social*, preleção pronunciada na Universidade de Chicago, 1936.

de Especialização em Antropologia Cultural e Professor de Antropologia da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade de Minas Gerais. Nosso estagiário em 1961, o referido etnólogo continuará ligado à equipe em 1962, recebendo nossa orientação e fornecendo os dados etnológicos de que temos necessidade, ainda que volte a ministrar aulas em sua Faculdade, durante os períodos de trabalho de gabinete.

«Localizados na zona dos formadores do rio Itanhaém, no Estado de Minas Gerais, os Maxakali permaneceram até hoje praticamente «isolados» da sociedade brasileira, sem estabelecerem uma situação de contato que permitisse um convívio contínuo e sistemático com as suas frentes de expansão. É um grupo indígena alófilo, i.é., seus membros falam uma língua que não tem semelhança com qualquer outra; por outro lado, podem ser considerados como os derradeiros representantes de tribos possuidoras de sistemas sociais segmentados e localizados próximos à faixa litorânea do Brasil.

«Urge que se estudem êsses índios enquanto ainda conservam plenamente operativa a sua estrutura social original, pois dificilmente êles manterão durante muito mais tempo êsse relativo isolamento de que ora desfrutam».

Nestas condições, tornam-se explícitos os interesses principais da pesquisa que vamos realizar.

No segundo caso, a pesquisa compreenderá o levantamento de aspectos fundamentais da cultura que permitam a construção de uma monografia sobre a sociedade Maxakali pois não existe nenhum estudo global dêsses índios e as poucas referências que encontramos não são suficientes para entendê-los.

As vantagens do estudo monográfico dos Maxakali podem ser explicitadas através da palavra de Darcy Ribeiro que classificou o grupo entre aquêles em «contato permanente» com a nossa sociedade. «Conquanto já apresente profundas modificações provocadas pelo efeito cumulativo das compulsões de ordem ecológica, biótica, econômica e cultural, o grupo em con-

vívio permanente com a sociedade nacional oferece compensações e atrativos especiais para estudos etnológicos... a própria desintegração cultural que permite ao grupo ou a informantes isolados, tratar objetivamente de aspectos da cultura que antes não poderiam ser discutidos por estarem defendidos por proibições ou simples vexame, e, ainda, por ter o próprio grupo se tornado mais consciente da relatividade dos costumes e ganho, com isto, uma visão objetiva dos seus próprios»...²
«Os índios Maxakali de Minas Gerais constituem no Brasil Oriental o único grupo que conserva o bastante da cultura tradicional para permitir um estudo do tipo de que vimos tratando».³

Como se poderá ver neste projeto de pesquisa, fizemos breve caracterização da área, da sociedade e da cultura Maxakali, através de dados colhidos em informes de cronistas e especialistas que nos pareceram os mais consistentes sobre o assunto.⁴

Ao descrever a área, abordar aspectos históricos e caracterizar a sociedade Maxakali, levantamos algumas hipóteses, tendo em vista não só satisfazer os interesses da Divisão de Antropologia do Museu Nacional, mas, também, propiciar a elaboração de uma monografia sobre essa cultura tribal. Não uma monografia particular, mas uma monografia que extravase os parâmetros da vida tribal em si, colocando os Maxakali reagindo e respondendo às compulsões de uma frente de expansão colonizadora. É verdade que encontramos muitos problemas na formulação das hipóteses; principalmente porque uma formulação de hipóteses é geralmente precedida de muitos começos

2. Ribeiro, Darcy: *Culturas e Línguas do Brasil*, Educação e Ciências Sociais, Ano II, Vol. 2, n. 6, nov. 1956, «As tarefas da Etnologia e da Lingüística no Brasil», pág. 55.

3. Idem, pág. 57.

4. A respeito da consistência veja-se Florestan Fernandes, *A Etnologia e a Sociologia no Brasil*, Edit. Anhambi S.A., S.P. 1958, pág. 79 e seguintes.

falsos, proposições de valor, afirmativas vagas, etc., de que não podemos escapar quando se trata de uma realidade, em termos antropológicos, pouco conhecida. Elas, contudo, é que nos conduzirão a uma verificação empírica que implicará no aparecimento de uma ou mais respostas. Neste sentido, remetemos os interessados às considerações de Goode e Haat.⁵

METODOLOGIA — 1) Empregaremos a análise funcional-estrutural; principalmente como meio de descrição-analítica da realidade social indígena. «A análise funcional-estrutural busca interpretar questões empíricas nas seguintes formas ou em suas combinações: a) Que **uniformidades observáveis** (ou padrões) podem ser descobertas num fenômeno estudado? (que estruturas envolvidas?). b) Que **condições** (estado empírico da ação) podem ser descobertas? (que **funções** resultam?). c) Quando os **processos** (ou ação) podem ser descobertos, em termos de uniformidades observáveis, que condições resultantes podem ser descobertas? (que funções resultam quando **operações** têm lugar em termos de determinadas estruturas?)».⁶

A abordagem funcionalista «pode ser aplicada legitimamente tanto a situações sociais contemporâneas, observáveis diretamente pelo investigador, quanto a situações sociais do passado, susceptíveis de ser conhecidas por meios indiretos, de investigação (se e à medida que exista documentação consistente)».⁷ Assim sendo, 2) A análise funcional-estrutural

5. Goode, W.J. e Hatt, P.K.: *Métodos em Pesquisa Social*, Cia. Ed. Nacional, Bibliot. Universal, 1960, cap. 6 «Elementos básicos do método científico: hipóteses», pág. 74 e seguintes.

6. Levy Jr., Marion J.: *The Structure of Society*, Princeton University Press, 1952, Cap. II, pág. 27.

7. Fernandes, Florestan: *A Etnologia e a Sociologia no Brasil*, Ed. Anhambí S.A., S.P. 1958, cap. III, «Fontes Primárias para Estudo da Guerra na Sociedade Tupinambá», pág. 92.

estará implícita e será complementada pela análise histórica, abrangendo: a) Uma abordagem das frentes de expansão da sociedade brasileira; b) Um estudo da situação de contato com os grupos tribais da região, especificamente com os Maxakali.

Para isso, já realizamos um «survey» do material existente e a pesquisa deverá incidir sobre: a) Os códices do Arquivo Público Mineiro; jornais e revistas dos municípios da região, ali arquivados; b) Livros de assentamentos de batizados, casamentos e óbitos das Paróquias, existentes no referido Arquivo; c) Registros de Museus e Arquivos de Prefeituras da região; d) Manuscritos e obras editadas de viajantes, cronistas e etnólogos, como por exemplo: Augusto Saint-Hilaire, Maximilian Prinz zu Wied-Neuwied, Johann Jakob von Tschudi, Theophilo Benedito Ottoni, W.L. von Eschwege, Felisbello Freire, Pero de Magalhães Gandavo, Alexandre Rodrigues Ferreira, Theodoro Sampaio, Luiz Tomaz Navarro, Cestmir Loukotka, Hermann Ploetz, Curt Nimuendaju, Alfred Métraux e outros que escreveram sobre a região e os índios, os quais já estão sendo devidamente fichados (pelo autor do projeto) no Arquivo Público Mineiro, devendo se estender o trabalho ao Instituto Histórico e Geográfico e outras repartições. Quanto ao grau de objetividade e de penetração das informações e descrições destes e de outros autores, remetemos os interessados às apreciações de Florestan Fernandes.⁸ Do mesmo modo como procedeu esse autor, nossa **análise** dos documentos históricos incidirá, quanto ao teor objetivo das mesmas, na classificação das fontes em primárias e secundárias e será feita de duas maneiras: a) Através da aplicação da estatística à comparação do conteúdo das fontes; b) Por meio da comparação qualitativa do conteúdo das fontes.

8. Ob. cit.: págs. 79 e seguintes.

Estas duas técnicas completam-se, pois, enquanto uma situa os aspectos quantificáveis do conteúdo das fontes, a outra fornece um conhecimento seguro sobre a natureza, consistência interna e complementaridade recíproca das informações.

Em suma, tomando um esquema de Nadel,⁹ adotaremos, em primeiro plano, uma perspectiva sincrônica para compreender as unidades de ação social da sociedade Maxakali, reunidas em duas dimensões de «coisas sociais»: as instituições e os grupos sociais ou agrupamentos; em segundo plano, a complementação da primeira situação por uma perspectiva diacrônica na interpretação etnológica dos fatos, a nosso ver indispensável para aferir os mecanismos e processos de mudança, bem como para compreendermos as vicissitudes por que passaram êsses índios após o início das pressões colonizadoras. «Ambas as perspectivas, a sincrônica e a diacrônica, se ajustam como processos complementares de investigação empírico-indutiva e nos permitem estabelecer inferências válidas por sua congruência e objetividade».¹⁰

Finalmente, a pesquisa de campo envolverá a utilização de técnicas: a) a observação participante; b) registros na caderneta de campo e elaboração do diário de campo; c) a realização de um censo; d) o emprêgo do método genealógico; e) e outras técnicas que serão ditadas pela realidade encontrada.

Nestas condições, será possível retratar o processo de vida da população Maxakali, reconstruir o passado histórico, configurar a dinâmica da área e verificar a natureza e o funcionamento da estrutura social.

9. Nadel, S.F.: *Fundamentos de Antropologia Social*, Fondo de Cultura Economica, México-Buenos Aires, 1955, edição em espanhol, pág. 92.

10. Oliveira, R. Cardoso: *Projeto Terena*, Div. de Antropologia do Museu Nacional.

PROGRAMA DE PESQUISA — 1) A pesquisa de campo incluirá, como meio fundamental, a observação participante durante 120 dias em duas etapas:

- a) Julho de 1962;
- b) Novembro e Dezembro de 1962 e Janeiro de 1963.

2) A pesquisa de reconstrução histórica se fará, também, em 120 dias divididos em duas etapas:

- a) Setembro e Outubro de 1962;
- b) Fevereiro e Março de 1963.

3) Auxiliares de Pesquisa: — Serão selecionados três universitários do curso de Sociologia e Política da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade de Minas Gerais para o levantamento de dados históricos, sendo que um deles deverá nos acompanhar ao campo. A Divisão de Antropologia do Museu Nacional deverá indicar outro acompanhante, escolhido entre os bolsistas do Curso de Especialização em Antropologia Cultural. Esta indicação dependerá dos recursos financeiros disponíveis.

4) Forma de contato com o Museu Nacional: — a) Cartas periódicas e um relatório no mês de Agosto a respeito da primeira etapa no campo; b) Relatório final durante o mês de Abril de 1963, dando conta dos resultados da pesquisa.

DESCRIÇÃO DA ÁREA

Notícias sobre as conseqüências da penetração colonizadora. Críticas e hipóteses de trabalho.

As mais antigas conceituações de região são as dos geógrafos. Elas dividem o globo em extensões consideráveis de terra e massas d'água; ou em aspectos climáticos, como as zonas temperadas e equatoriais; ou, ainda, pelas características de homogeneidade fisiográfica, dando lugar ao conceito de **regiões naturais**.

Atualmente, a conceituação de região ou de área apresenta essas unidades não mais como simples espaços rígidos. São antes uma forma de disciplinamento, ao longo de determinadas extensões de terra, das relações mútuas do homem com o **habitat** e das transformações aí surgidas sem alteração profunda ou completa do meio. Em função mais do homem e das suas relações com o meio, as definições se tornam, por isso mesmo, mais complexas, passando cada uma das ciências humanas a conceituar a região ou área dentro de seus interesses específicos. Nestas condições, os antropólogos fazem coincidir área cultural com aspectos e conceitos de vivência humana e de costumes; os ecologistas tendem a apresentar o regional como formas de competição e de cooperação de fôrças, envolvendo plantas, animais e populações humanas e outros aspectos de interação; os economistas e administradores, como uma base natural ao uso das exigências das indústrias e do desenvolvimento de uma área contínua. Ao antropologista cultural

e sociólogo regional, por se colocarem ambos num ponto de vista muito mais amplo, a conceituação se apresenta de maneira mais complexa, não somente pelas determinações dos recursos naturais e econômicos, mas também pelos aspectos políticos e outros traços relevantes da vida social ou cultural em relação a uma determinada área.¹¹

Conforme Julian H. Steward, «Três são os conceitos principais, (sob esse aspecto) para delimitar as regiões, nos quais fica incluída a maioria dos critérios usados: para determinados fins uma região é uma área delimitada por uniformidade de traços ou características naturais: um vale, uma planície, um sistema montanhoso, um arquipélago, etc.

«Ao delimitar uma região natural pode-se tomar também em consideração elementos culturais materiais; porém os elementos não tangíveis, tais como religião, a organização social, que não fazem parte da «paisagem», não são considerados.

«Em segundo lugar, uma região pode delimitar-se por ter homogeneidade social e cultural.

«Em terceiro lugar, uma área se delimita por constituir uma unidade estrutural e funcional.

«É fundamental estabelecer claramente a diferença entre o segundo e o terceiro conceito, porque embora com frequência uma região possa ter tanto unidade cultural como constituir uma unidade estrutural, os métodos de investigação diferem segundo o conceito que se queira destacar».¹²

Vê-se, portanto, o patente relativismo do conceito de área e as tentativas progressistas da Antropologia na sua conceituação. Algumas abordagens têm se colocado em função

11. Barros, Souza: *O Nordeste*, (Visão econômica e outros aspectos da região), Coleção Mauá, M.V.O.P., Serviço de Documentação, 1957.

12. Steward, J.H.: *Theoria y Practica del estudio de Areas*, Union Panamericana, Washington, D.C., 1955, pág. 26.

direta de processos de contato ou aculturativos desenvolvidos numa determinada região; outras, como a adotada pelo «Handbook of South American Indians», focalizam apenas a sociedade tribal num determinado embasamento. No caso brasileiro, essas áreas são definidas como «Área de Floresta Tropical e Área dos Povos Marginais». Nestas condições, os Maxakali ocupariam uma «área marginal» ou seriam mesmo denominados «tribo marginal». A presente classificação, que consideramos insuficiente para os interesses diversos desta pesquisa (por se restringir a exprimir tipos de sistemas que se encontram fora de conjunção com a sociedade brasileira) é baseada antes de tudo em padrões sócio-políticos e religiosos. O tipo «marginal» caracteriza os povos de cultura simples, com ausência de agricultura ou com agricultura incipiente.¹³

No tempo dos descobrimentos, os «povos marginais» viviam em regiões economicamente inferiores ou relativamente improdutivas, afastadas das principais correntes de difusão cultural. Diferem dos outros índios sulamericanos por viverem em terras improdutivas, por sua pobreza tecnológica, sua organização social específica, sua população rarefeita, seus grupos esparsos e indiferenciados, seu nomadismo dentro de um território definido, suas técnicas simples de conseguir alimento. No caso presente, seriam caçadores e coletores de floresta com ou sem agricultura incipiente (ocupam áreas do Brasil Oriental, divisores de água da bacia amazônica e outras áreas espalhadas, muito mal conhecidas para serem classificadas num tipo bem definido).¹⁴

Esta conceituação seria relativamente válida para os tempos em que a sociedade Maxakali vivia dentro de um contexto puramente tribal, isto é, como «tipo marginal».

13. Steward, J.H.: *Handbook of South American Indians*, Vol. 5, 1949, «The Native Population of South America», págs. 669-710.

14. Steward, J.H. e Faron, L. C.: *Native Peoples of South America*, McGraw Hill, 1959.

Hoje, as condições são outras e seria impossível atender aos objetivos deste projeto se adotado exclusivamente um aparato conceitual particular.

Sabemos que existe um processo maior envolvendo os Maxakali e que as antigas condições globais da região foram modificadas no seu embasamento e nos seus aspectos sociais.

Diversas tribos que habitavam a região, muitas delas próximas dos Maxakali, desapareceram com a penetração da sociedade brasileira nos primeiros tempos de nossa história.

A área assistiu, pois, a inúmeros processos de destribalização, marginalização e outras ações compulsórias.

Assim, a conceituação mais objetiva da área seria aquela que procurasse colocar dentro de um mesmo contexto a sociedade tribal e a sociedade brasileira. E essa conceituação não existe pela ausência de pesquisas, na região, da natureza da que propomos. As conceituações existentes são insuficientes para atender aos nossos propósitos, pois, ou são feitas unicamente do ponto de vista indígena como a do Handbook, ou são feitas do ponto de vista da sociedade brasileira quanto a interesses particulares: geográficos, demográficos ou econômicos.

Em vista de tais dificuldades, e já feitas algumas considerações do ponto de vista tribal, vamos lançar mão dos dados que dispomos, do ponto de vista da sociedade brasileira, para caracterizar a **região sócio-econômica** (*) em que os índios Maxakali lograram se adaptar e sobreviver. Na medida do possível, iremos ajustando a conceituação aos interesses deste projeto.

(*) Referimo-nos à organização da propriedade.

I - Caracterização sócio-econômica

Os Maxakali atuais vivem na região das cabeceiras do rio Itanhaém, no Município de Machacalis,¹⁵ no Estado de Minas Gerais, próximo da fronteira com a Bahia (Lat. 16°50', Long. 40°40').

Estão situados em duas aldeias, Água Boa e Pradinho. Na primeira está instalado um Posto do Serviço de Proteção aos Índios. Este aldeamento dista da sede do município 36 km por estrada, pela mesma forma 15 km de Batinga, 30 km de Bertópolis, 240 km de Teófilo Otoni e 461 km de Belo Horizonte, capital do Estado de Minas Gerais.

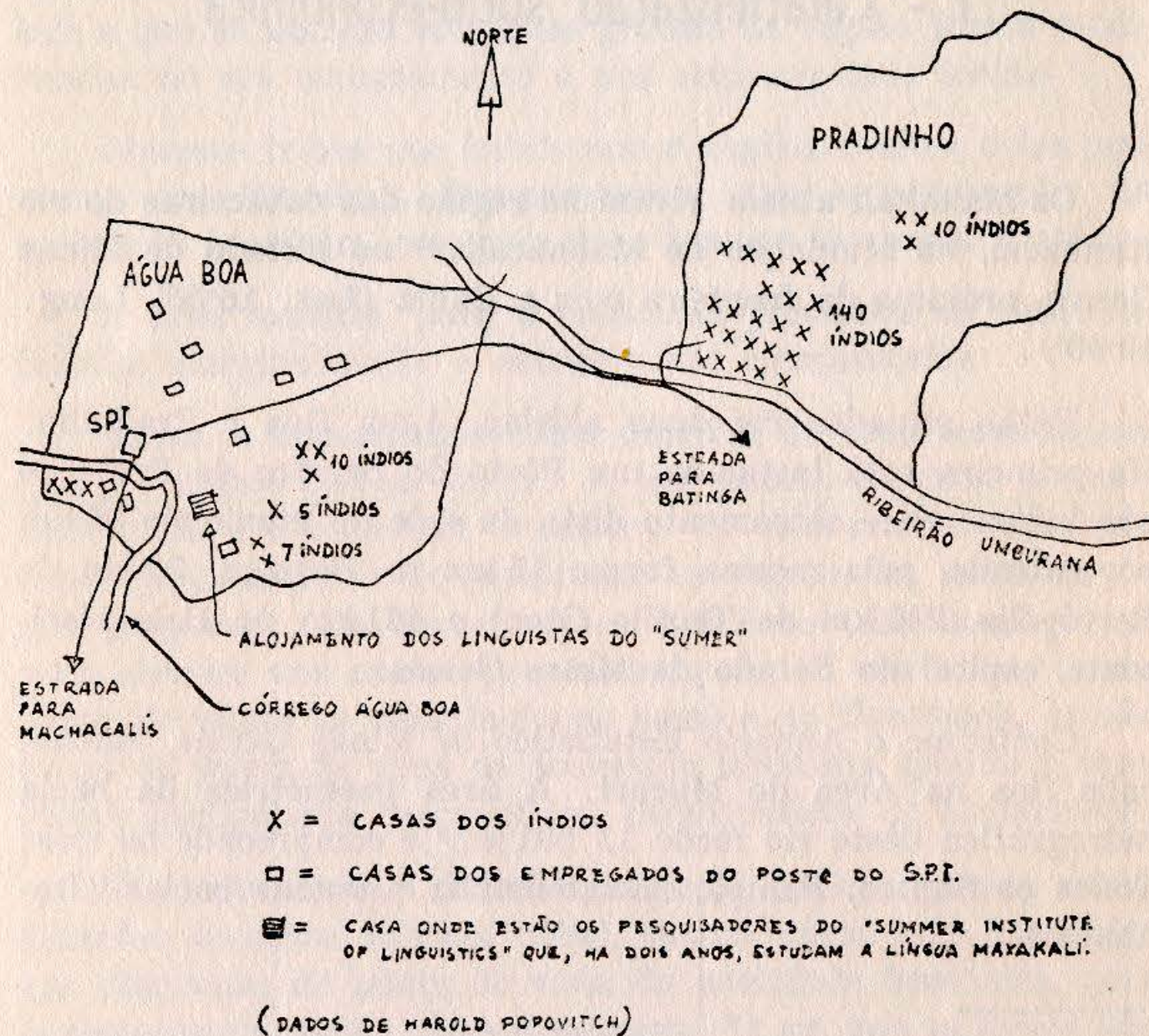
Conforme o Anuário Estatístico de Minas Gerais, Machacalis fica na Área do Mucuri. A área geométrica da bacia hidrográfica deste rio mede 13.691 km² e compreende os rios: Todos os Santos, Pampã, Marambainha e outras bacias (Itanhaém).

15. O município de Machacalis envolve os distritos de Bertópolis e Umburaninha com uma área total de 987 km², assim distribuídos: Machacalis 300 km², Bertópolis 362 km², Umburaninha 325 km².

O Município tem sido enquadrado, ora na Área do Médio-Baixo Jequitinhonha, ora na Área do Médio Jequitinhonha, ora na Área do Mucuri, conforme os interesses dos estudiosos. A primeira dessas áreas envolve 6 municípios e mede 9.029 km², (1,52%) de área geométrica; a segunda envolve 8 municípios com 18.178 km², (3,07%); e a terceira envolve 12 municípios com 31.684 km², (5,35%), conf. «Anuário Estatístico de Minas Gerais», Ano VII, D.E. Estatística, 1955. (Modificadas pela Resolução n. 397 de 31-X-1952, da Assembléia Geral do Conselho Nacional de Geografia).

ALDEIAS DOS ÍNDIOS MAXAKALI'

DUAS GLEBAS DE TERRA, DESCONTINUAS



A CAPES, em **Estudos de Desenvolvimento Regional** (diversos autores) adota, também, a inclusão do Município na Área do Mucuri.¹⁶

16. Oliveira, A.B.; Beltrão, A.F.; Borges, T.P.A.; Paixão e Silva, M.: **Estudos de Desenvolvimento Regional**, (Minas Gerais), CAPES, Série de levantamentos e análises, 6, 1958, pág. 18.

Elza Coelho de Souza, da Secção de Estudos Geográficos do C.N. de Geografia, em trabalho apresentado no XVI Congresso Internacional de Geografia em abril de 1949, dá para a região onde se localiza a cidade de Machacalis a nomenclatura de Área do Vale Médio do Jequitinhonha.¹⁷

Do ponto de vista antropológico, esta última conceituação é a que mais nos interessa, de vez que está assentada em bases físicas, humanas, econômicas e sociais (no que diz respeito à organização da propriedade em determinado tipo de embasamento não humano). Elza Coelho divide o Estado «em duas grandes regiões limitadas pela isaritma de 141 hectares de área média e de 12 habitantes por quilômetro quadrado da área ocupada. De modo geral, estas linhas separam a zona agrícola ou agro-pecuária com propriedades de área média variando de 25 a 14 ha. e com população rural mais ou menos densa, da zona onde domina a criação extensiva feita em grandes propriedades com população rural muito rala e dispersa»¹⁸ e onde estão localizados os índios Maxakali.

A Autora distingue dentro destas grandes regiões «zonas menores, reunindo municípios que apresentam os valores das áreas médias aproximadamente iguais e com aspectos físicos ou humanos semelhantes. Dêste modo distinguem-se: a) na região que se estende de sudoeste a nordeste do Estado, de **propriedades menores de 141 ha.**: zona Sul, zona da Mata, zona do divisor de águas Rio Grande-São Francisco, zona Metalúrgica e zona do **Alto Jequitinhonha e Pardo**; b) na outra região situada a oeste e noroeste do Estado, de **propriedades maiores de 141 ha.**: Triângulo Mineiro, zona do Urucuia-Paracatu, vale do São Francisco e vale **Médio do Jequitinhonha**».¹⁹

17. Souza, E.C. de: «Distribuição das propriedades rurais no Estado de Minas Gerais», Separata da **Revista Brasileira de Geografia**, nº 1, Ano XIII, Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1951.

18. Idem, pág. 49.

19. Idem, pág. 49.

Para efeito comparativo, «tendo em vista que as condições geográficas e os recursos naturais (dessas duas grandes regiões) se diversificam ao ponto de constituir um sistema binário, cujos dois componentes gravitantes (sistemas) constituem áreas de potencial econômico e sociológico de certa disparidade»,²⁰ vamos tomar duas partes contíguas para objeto de nossa análise, numa das quais se insere a tribo Maxakali:

A primeira chamaremos **Área do Alto Jequitinhonha e Pardo**; está localizada na grande região de propriedades menores de 141 ha.

A outra seria a **Área do Vale Médio do Jequitinhonha**, localizada na outra região de propriedades maiores de 141 ha.

20. Rubinger, M.M. «O Desenvolvimento Econômico do Nordeste de Minas», (A Necessidade do estudo inter-disciplinar das áreas Alto Jequitinhonha e Pardo, e Vale Médio Jequitinhonha), in **Integração do Nordeste**, 1960 (periódico de universitários da Região).

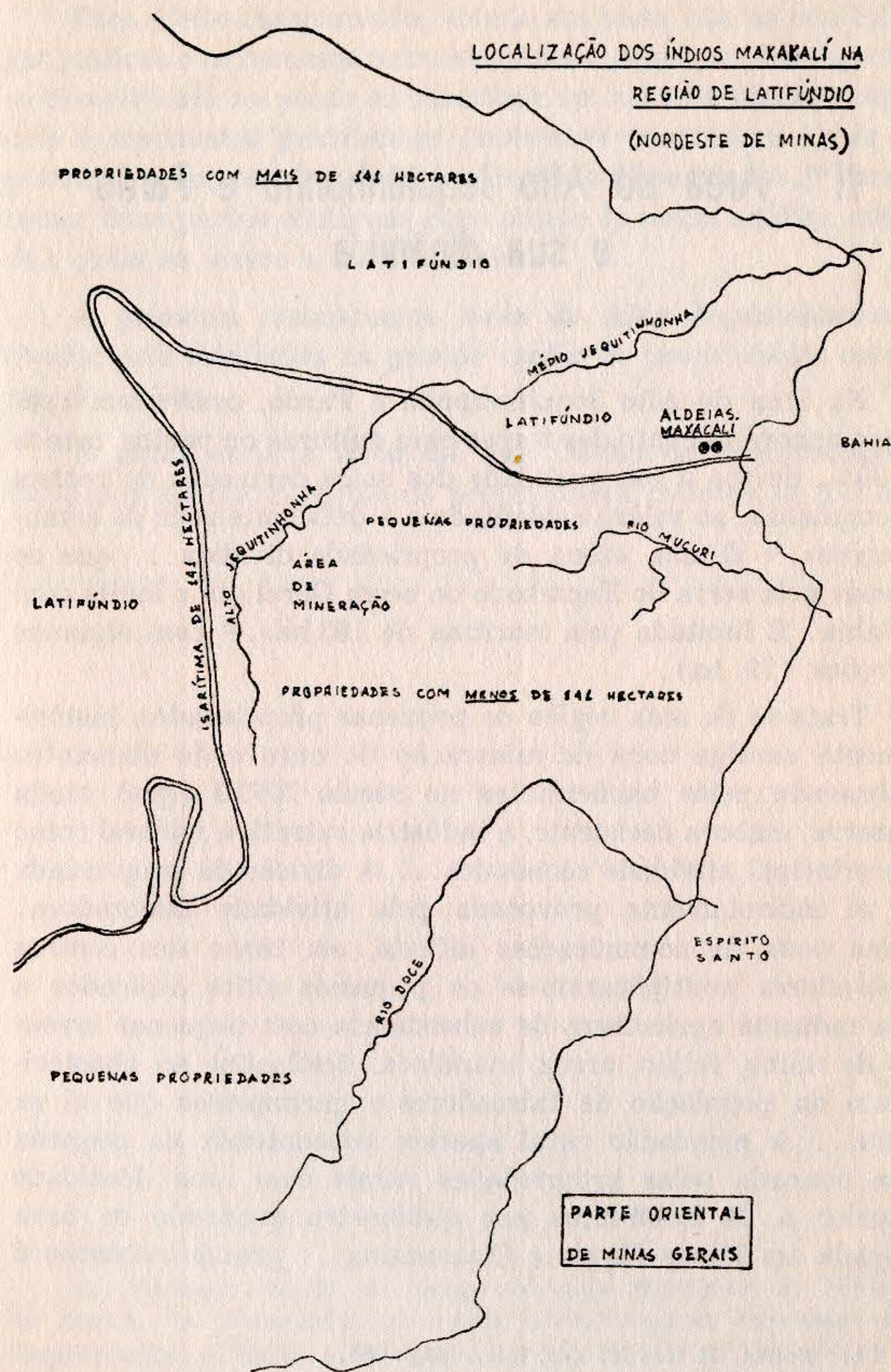
II - Área do Alto Jequitinhonha e Pardo e sua dinâmica

Na área do Alto Jequitinhonha e Pardo, ocorre um «pequeno aproveitamento das terras para culturas ou pastos, menos de 30%, devido à má qualidade dos solos derivados de rochas algonquianas, ao relêvo acidentado e à deficiente rede de comunicações».²¹ É uma «zona de propriedade dividida... que se estende pela serra do Espinhaço ou serra Geral até o limite com a Bahia. É limitada pela isaritma de 103 ha»,²² com algumas exceções (79 ha).

Trata-se de uma região de pequenas propriedades, historicamente «antiga zona de mineração do ouro e de diamantes desbravada pelos bandeirantes no século XVIII (que) ainda conserva, embora decadente, a indústria extrativa mineral como sua principal atividade econômica... A divisão da propriedade foi aí indiretamente provocada pela atividade mineradora. Numa zona de comunicações difíceis, em torno dos centros mineradores multiplicaram-se os pequenos sítios dedicados a uma reduzida agricultura de subsistência com pequenas lavou- ras de milho, feijão, arroz, mandioca, destinados ao abasteci- mento da população de faiscadores e garimpeiros que aí se fixou... A população rural aparece concentrada na pequena área ocupada pelas propriedades rurais com uma densidade superior a 24 habitantes por quilômetro quadrado de área ocupada em Minas Novas e Diamantina... grande extensão é

21. Souza, E.C. de: Ob. cit., pág. 55.

22. Souza, E.C. de: Ob. cit., págs. 55 e 56.



ocupada pela mata da Jaíba que se estende pelo baixo vale dos rios Verde Grande e Verde Pequeno, onde grassa a malária endêmica, permanecendo praticamente desocupada». ²³

Os principais municípios dessa área estão situados ao sul de Minas Novas, (*) no vale do rio Suaçui. Um desses municípios é a cidade de Peçanha (18° 37' 9" lat. sul e 0° 49' 36" log. leste — Rio de Janeiro), antiga «Suassuhy», fundada por mineradores que extraíam ouro no rio «Suassuhy» Pequeno e que, para isso, escravizaram mão-de-obra indígena (depois africana).

Pois bem, nesta área de grande densidade de população, com uma frente de penetração exploradora e aventureira, as diversas tribos que aí viviam passaram por inúmeros processos de «descida», destribalização, massacres e aldeamentos de cativo. Assim, por exemplo, Peçanha «foi nos tempos coloniais um descoberto, onde havia um posto militar destinado as correrias freqüentes das tribos dos Monoxós, Malalis, Maconis, Panhâmes e outras, que hoje quase desapareceram do vale do Rio Doce (**). Eram tribos pertencentes à grande família ou horda indígena dos botocudos ou caboclos e bugres. Entre 1759 e 60, os índios Giporocks, Nacknenuks, Pojichás e outros atacaram Peçanha provindos da serra dos Aymorés, dos vales do Mucury e Rio Doce». ²⁴

Conforme Theophilo Benedito Ottoni, «acossados pela população cristã que se ia estabelecendo pela cordilheira central, os Macunis, Malalis, Machacalis, Nackenukes, Aranans, Bahués, Biturunas, Gyporocks, etc., que pela maior parte são da nação

23. Souza, E.C. de: Ob. cit., págs. 55 e 56.

(*) Minas Novas tem um Museu Histórico e Etnológico; o material em exposição consta de obras culturais das tribos desaparecidas da região.

(**) Considerava-se o Alto Jequitinhonha, por motivos político-administrativos, Vale do Rio Doce.

24. Anuário de Minas Gerais, Vol. III, 1909. V. fascículo III da Revista do Arquivo Público Mineiro (informações do alferes Luíz Antônio Pinto).

dos Botocudos, se viram obrigados a concentrar-se na zona onde correm as águas do Mucury (*), estendendo-se ao N. E. e N. O. até Jequitinhonha ou algum dos seus afluentes a leste até o litoral, ao sul até o Suassuhy Grande e Rio Doce».²⁵

Nestas condições, vê-se que as diversas tribos que foram encontradas por viajantes e cronistas, no final do século XVIII e começo do século XIX, localizadas na Área do Mucuri ou do Vale Médio do Jequitinhonha, habitavam antes a Área do Alto Jequitinhonha e Pardo, e dali foram removidas por atos compulsórios da frente de penetração extrativa ou mineradora. Por conseguinte, sob êste aspecto, pretendemos, levantar, em nossa pesquisa historiográfica, um material tal que nos permita explicar os mecanismos de contato agressivo que se desenvolveram e se desenvolvem numa área sob essas mesmas condições de exploração econômica.

O passado histórico da Área do Alto Jequitinhonha e Pardo mostra uma subordinação jurisdicional à Área do Vale do Rio Doce. Nesta última estava localizada a Diretoria-Geral dos Índios. Debalde esforços dessa Diretoria, tôdas as tribos da Área do Alto Jequitinhonha e Pardo desapareceram, dizimadas que foram em grande parte.

Assim, nos fins do século XVIII e início do século XIX registrou-se um grande surto de penetrações na Área do Alto Jequitinhonha e Pardo. «Vinham sequiosos de encontrar ouro e pedras preciosas, fugidos da justiça ou desejosos de dominar novas terras, ou ainda querendo prear mulheres indígenas para com as mesmas praticar as maiores loucuras do sexo, como é o caso dos colonos de Antônio dos Santos e Antônio Tomé, assim narrados por Marlière»...²⁶

(*) Área do Mucuri ou Área do Vale Médio do Jequitinhonha.

25. Ottoni, Theophilo B.: «Notícia sobre os selvagens do Mucury», in *Rev. Inst. Geogr.* XXI, Rio, 1858, (Carta ao Senhor Dr. Joaquim Manoel de Macedo), pág. 193.

26. José, Oiliam: *Marlière O Civilizador*, — Esbôço Biográfico —, Edit. Itatiaia Ltda., Belo Horizonte, 1958, pág. 204.

Para coibir êsses abusos, um francês de nome Guido Thomaz Marlière foi nomeado em 15 de novembro de 1820 Inspetor de tôdas as Divisões de Minas Gerais em terras de indígenas; em 1824, tornou-se Diretor-Geral dos Índios. Presume-se que numa área de propriedade bastante dividida, de economia extrativa, com uma população bastante heterogênea e sem identidade, difícil seria para Marlière controlar as Divisões, as quais se mancomunavam com os interesses dos aventureiros. Essas Divisões, evidentemente, «careciam de eficiente organização para atuar com eficiência por entre aventureiros do pior estôfo moral e indígenas desesperados com as expoliações que se lhes faziam. O mal das Divisões começava com o recrutamento de seus integrantes, buscados entre a pior espécie de brancos e indígenas, com o que ingressavam na vida militar indolentes, assassinos, ladrões, traficantes e bêbados contumazes. Não há qualquer exagêro nessa afirmativa, cuja comprovação está na correspondência do civilizador...».²⁷ (O autor se refere a Marlière).

Sem discutir os juízos de valor contidos na afirmação supra citada somos acordes com a seguinte explicação dada por Oiliam José: «Através de cinco meios principais o branco varreu de grande parte do território mineiro os primeiros senhores do mesmo: o trucidamento do indígena, a tuberculose, a aguar-dente, a sífilis e a varíola».²⁸

Pode-se avaliar a intensidade dos crimes perpetrados contra o gentio na seguinte afirmação indignada de Marlière, a 11 de julho de 1825: «Há 13 anos que grito aos sucessivos governos, contra os matadores, opressôres e invasores das terras dos Índios e nunca tive senão respostas evasivas. Devassas de encomenda, que não se verificaram, Ordens que ficaram sem execução... Não se enforcou um só matador de Índios».²⁹

27. José, Oiliam: Ob. cit., pág. 66.

28. Idem, pág. 204.

29. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Ano X, pág. 609.

Parece, portanto, que os índios foram dizimados nas Áreas do Rio Doce e Alto Jequitinhonha. É verdade também que algumas tribos lograram escapar, embrenhando-se nas florestas do Mucuri. Mostram-nos isto inúmeros fatos descritos por cronistas. «Com efeito, uma vez atraídos à civilização que avançava pelos vales do Pomba, do Muriaé, do Doce e do Jequitinhonha, os indígenas passaram a desaparecer em escala que ruboriza, assusta e entristece o etnólogo e o historiador. Decorridos 70 anos, de 1811 a 1880, não mais existiam, por exemplo, Croatos, Cropós e Puris nos distritos que eles ocupavam. E os Botocudos (*), colocados em outras regiões, puderam apenas fugir de nôvo para as matas ou resistir por mais alguns decênios».³⁰

(*) Possivelmente, também, os Maxakali (adendo nosso).

30. José, Oiliam: Ob. cit., págs. 203, 204.

III - Área do Médio Jequitinhonha e sua dinâmica

Por sua vez, a Área do Vale Médio do Jequitinhonha localiza-se no extremo nordeste do Estado e caracteriza-se, ao contrário da sua componente binária do mesmo rio, como uma área de grandes propriedades que se estende para a região sul até o rio Mucuri, envolvendo por conseguinte o Vale Alto do Itanhaém, onde se localizam as duas restantes aldeias dos índios Maxakali. Uma das hipóteses de sobrevivência dessas aldeias é o tipo de propriedade que ali se estabeleceu. Área de extensos latifúndios, de baixa densidade demográfica (12 habitantes por km² e, em alguns lugares, menos do que isto), apresenta, ainda hoje, rincões perdidos, ótimos refúgios para os indígenas. Aí, «a principal atividade econômica é a pecuária. Dentro da zona, os municípios com criação mais desenvolvida e maior área em pastos, mais de 70% são os situados no Vale do Jequitinhonha: Medina, Fortaleza, Jequitinhonha, Vigia, sendo que o gado criado na zona vai quase todo engordar nas invernadas de Montes Claros, de Curvelo e Corinto. Este gado abastece em parte os mercados de Belo Horizonte e Rio de Janeiro. A lavoura é bastante reduzida, ocupando menos de 6% da área produtiva. Para o sul, no Vale do Mucuri, estende-se uma zona ainda pouco explorada em que as matas ocupam mais de 40% da área produtiva. A exploração de madeiras é a principal atividade econômica. É também grande a atividade extrativa mineral: cristal de rocha, pedras coradas, mica, (atividade recente e fora do âmbito dos índios). A deficiência dos meios de transporte e a insalubridade da região impedem seu maior desenvolvimento. A ocupação das terras por fazendas é inferior a 50%

e em Itambacuri apenas 15,3% da área municipal são ocupados por propriedades rurais. É, no entanto, uma zona de grandes possibilidades de desenvolvimento, graças ao seu solo fértil e às suas enormes extensões de matas». ³¹

Pois bem, enquanto na primeira área (Alto Jequitinhonha e Pardo) os índios eram destruídos, caçados ou aldeados para o fim de trabalho escravo, nesta, de que estamos tratando, eles conseguiram refúgio por mais algum tempo. Além das condições demográficas da área, as condições sociológicas da sociedade pastoril e as próprias condições geográficas facilitavam ao gentio a defesa contra as agressões dos aventureiros e caçadores de índios. Na primeira área, os índios que restaram à destruição foram totalmente subjugados: «os Malali da Serra Redonda e do rio Suassuhy Pequeno cujos últimos sobreviventes viviam ainda em 1862 na vila de Santo Antônio nos arredores de Peçanha»; ³² na segunda área os índios se mantinham à distância e temidos: «Em 1890, não houve recenseamento no distrito de Urucu e no de Santa Clara do Mucury, pois existiam aí índios-selvagens nas matas dos dois distritos (tribos de Bugres ou Botocudos, de origem Tapuia ou Gê)». ³³ Por algum tempo, os diversos grupos indígenas que se refugiaram nas matas do Vale Médio do Jequitinhonha encontraram ali meios de subsistência e a sua luta era contra os brancos que os molestavam nas suas incursões pelo novo território tribal: «Havendo cessado os assaltos dos selvagens contra os colonos da borda da mata, estes cobraram ânimo, e começaram as explorações das bandeiras. Porém nenhuma caravana, por mais numerosa que fosse, tinha podido sustentar-se na mata e em frente dos seus habitantes; nenhuma se retirou sem pagar às flechas o seu tributo de sangue». ³⁴

31. Souza, E.C.: Ob. cit., pág. 59.

32. Cf. *Les Langues du Monde*, Par un groupe de Linguistes sous la Direction de A. Meillet et Marcel Cohen, 1952.

33. *Anuário de Minas Gerais*: Ob. cit., Vol. III (1909).

34. Ottoni, Theophilo B.: Ob. cit., pág. 198.

Citado por Curt Nimuendaju relata F. Freire: «Em busca das cabeceiras do rio São Mateus, o chefe da bandeira (J. da Silva Guimarães) tinha de atravessar regiões habitadas por certas tribos. A primeira com que lutou foi a dos Machacaris, inimigos acérrimos de todo bandeirante que não fôsse paulista. Neste encontro perdeu o seu irmão e muitos membros da bandeira. Em vista da resistência dos Machacaris, Silva Guimarães desistiu do seu intento de galgar as cabeceiras do São Mateus e dirigiu-se para as do Rio Doce». ³⁵

Todavia, diversos fatores contribuíram para encurtar o novo território tribal: a) Inúmeras bandeiras insistiam em encontrar a «Serra das Esmeraldas» ou procuravam descobrir ouro e pedras preciosas; b) alguns grupos ainda caçavam índios como mão-de-obra escrava; c) deu-se início à exploração de madeiras e ervas, principalmente a extração da poaia; ³⁶ d) organizaram-se frentes de caça aos botocudos, ³⁷ os mais temidos dentre os indígenas pelas «atrocidades» que praticavam no assalto às povoações; e) por último, início da devastação de matas para plantio, principalmente de pasto.

35. Nimuendaju, Curt: «Índios Machacari», Separata do Vol. 6º, nº 1, junho de 1958, da *Rev. de Antropologia* da Universidade de São Paulo, (Relatório), págs. 54 e 55.

36. «A poaia ou ipecacuanha (uragoga ipecacuanha) crescia naturalmente nestes sertões, à sombra das florestas e nos terrenos de grande fertilidade, que eram quase todos... Por seus enérgicos efeitos eméticos, encontrava grande emprêgo na rudimentar medicina da época. Para a mesma havia mercado certo e rendoso, embora fôsse de apenas 19\$200 por arroba o preço médio da erva, em 1819». Cf. Oiliam José: Ob. cit., págs. 207 e 208.

37. «De acôrdo com a afirmação explícita de Ribeiro, as guerras contra índios eram devidas ao desejo dos colonos por escravos mais do que a necessidade de abrir novos territórios. O Governo Português em geral proibia a escravização de índios, porém por um decreto (1808) sustou a lei sob certas condições com respeito aos Botocudos de Minas Gerais». Cf. Curt Nimuendaju: *The Eastern Timbira*, Translated and Edited by Robert H. Lowie, Univ. of California Press, Vol. 41, 1946, pág. 4.

Assim, a redução do território tribal na Área do Vale Médio Jequitinhonha começou a provocar a luta entre as próprias tribos, principalmente dos Botocudos (mais numerosos) com os outros grupos menores: «À medida que se foi estreitando a zona que ocupavam, a fome atirou a guerra fratricida que é eterna entre as diversas tribos. Matam-se por um pequeno terreno onde cacem, e apanhem algumas raízes tuberosas... Do lado da Costa no mesmo decênio de 1837 as tribos mais próximas acossadas também pelas do interior começavam a apresentar-se aos moradores de São José de Pôrto Alegre pedindo socorro contra os tapuios brabos como êles chamavam aos outros, e pedindo paz aos cristãos... Foram os Nackne-nukes que expeliram de seus domínios os infelizes Machacalis. E quando senhores das terras dos Machacalis se aproximaram dos Portugêses, foi cometendo tropelias e atentados ora provocados, ora não».³⁸

Assim sendo, as tribos menos numerosas e mais fracas foram obrigadas a se sujeitar às condições pouco desejáveis que a sociedade branca lhes impunha a fim de escapar à destruição pelos «temíveis» botocudos. Então, alguns grupos indígenas se aliaram aos próprios brancos na «Guerra contra os Botocudos», principalmente os Maxakali.³⁹ Essa aliança talvez possa ser vista como outro importante fator de sobrevivência desses índios, na Área do Vale Médio do Jequitinhonha.

38. Ottoni, Theophilo B.: Ob. cit., págs. 194, 204 e 217.

39. Assim, «quando os Machacalis saíram no Alto dos Bois, fugindo dos Botocudos, lutava com êstes em tôda a extensão do Jequitinhonha, do Calháo até Belmonte, o comandante geral das Divisões, o Coronel Julião Fernandes Leão, irmão do pai do Sr. Conselheiro Antão. Estou referindo fatos coévos de que ainda existem testemunhas para as quais posso apelar. O Coronel Julião querendo opôr aos Botocudos os Machacalis, levou-os para o Jequitinhonha, e deu-lhes por sesmaria o Ribeirão dos Prates, onde se conservam até hoje (1858). O seu aldeamento é na margem do Jequitinhonha, para cima da barra do Ribeirão no lugar denominado Farrancho. Os Machacalis fizeram-se cristãos, têm um

Contudo, isto só não a explica porque diversas outras tribos também aldeadas e até fornecedoras de «soldados», ao contrário dos Maxakali, desapareceram.

É preciso, assim, buscar razões mais profundas que mostrem o sistema Maxakali operando em termos de flexibilidade aos fatores e injunções de naturezas endógena e exógena. Impõe-se, pois, um estudo nos moldes das questões aculturativas quando dois ou mais sistemas entram em conjunção. Do ponto de vista da necessidade de sobrevivência ambos os sistemas em contato desenvolveram ajustes mútuos que lhes permitiram reconhecer a existência de uma situação de interdependência por meio de algumas relações gerais compartilhadas por ambos os segmentos, principalmente, como já vimos, no que diz respeito à subsistência material e à sobrevivência física.

Impõe-se, aqui, uma pergunta: por que as tribos aldeadas na Área do Alto Jequitinhonha desapareceram enquanto os Maxakali, aldeados na Área do Médio Jequitinhonha, sobreviveram?

Já lançamos a hipótese de que as condições ecológicas e estruturais da Área dos Maxakali são do tipo favorável a essa sobrevivência.

Mas é preciso insistir no assunto.

cemitério regular, e tratam de levantar uma igreja. Têm auxiliado constantemente os outros moradores na repressão dos Botocudos, cujas ofensas passam de pais à memória dos filhos. Só se servem do arco para matar peixe. Raro é o que não tem espingarda. São industriosos; a olaria é um dos ramos da sua indústria, e em tal escala, que nas povoações das margens do Jequitinhonha cozinha-se exclusivamente em panelas da fábrica dos Machacalis. Também fazem canoas e remos para fornecimento dos canoeiros do Jequitinhonha. São êles mesmos excelentes canoeiros, e como tais são procurados para a condução de sal do Salto para o Calháo. Moram em casas regulares cobertas de telha». Cf. Theophilo B. Ottoni: Ob. cit., pág. 236.

Em semelhantes condições de perseguição pelos Botocudos, os Malalis foram aldeados pela Divisões da primeira área e, já em 1818, nada mais restava deles. Conforme narra Theophilo Ottoni, «os Malalis em 1787 perseguidos pelos Nackne-nuckles apresentaram-se no Alto dos Bois, 9 léguas distante de Minas Novas (Área do Alto Jequitinhonha) e aí ficaram aldeados junto ao quartel das divisões. Diz-se que alguns comandantes das divisões mostraram predileção pelos soldados indígenas. Não só eram mais conhecedores das matas, como também não sabendo exprimir-se nem conhecendo o valor do dinheiro, eram menos exigentes nas contas do soldo. No Alto dos Bois os Malalis voluntários, ou recrutados sentaram praça nas divisões. Tendo alguns desertado sofreram castigos severos, bem como pessoas de suas famílias acusadas de haverem acoutado os desertores. A proteção dos cristãos, assim exercida, começou a parecer-lhes mais intolerável do que a guerra com os seus irmãos das florestas. E uma bela manhã o comandante do Quartel do Alto dos Bois achou a aldeia completamente abandonada... Vencidos, e dizimados (pelos Botocudos) acolheram-se novamente a proteção dos cristãos. Restam ainda... uma vintena de Malalis dados ao trabalho e ao negócio, inteligentes e desconfiados. Há 30 ou 40 anos que se passaram os últimos acontecimentos expostos (1858)». ⁴⁰

Indispensável seria, pois, que se fizesse um levantamento historiográfico que respondesse às questões levantadas.

Aprioristicamente, as características das duas áreas aqui apresentadas parecem influir de modo crucial. Na Área do Alto Jequitinhonha vimos os índios colocados diante de uma economia extrativa-mineral com grande necessidade de mão-de-obra escrava.

40. Ottoni, Theophilo B.: Ob. cit., pág. 194.

Salientamos uma maior densidade populacional, bem como grande aglomeração de pequenas propriedades constituindo maior número de núcleos urbanos. Sabe-se que um segmento nestas condições é bastante heterogêneo, depredatório, e bastante agressivo em face das ambições de riqueza.

Ao contrário, na Área do Médio Jequitinhonha as penetrações se fizeram posteriormente e em condições econômicas outras. Área de matas e não de descampados como a anterior, de baixa densidade demográfica, e onde os sesmeiros ou latifundiários não conheciam os confins das suas próprias terras, ela favorecia a sobrevivência de grupos tribais. (*) Depois, a sua característica pastoril e, em condições excepcionais, exploradora-vegetal, dava margem a uma maior elasticidade nos processos de convivência com o gentio, inclusive de aliança com alguns grupos como meio de sobreviver às agressões dos «ferozes» Botocudos. Mas, era uma aliança na qual a tribo operava como um todo e não como acontecia na Área do Alto Jequitinhonha onde se praticava a destribalização e a incorporação dos indígenas aos quartéis, fato que levava implícita a idéia da perda de sua identidade cultural. Demais, pelas condições naturais do Vale Médio do Jequitinhonha, como região de floresta tropical, as incursões que a princípio se fizeram aí contra os índios fracassaram.

Colocados, então, os problemas cruciais das duas áreas a serem investigados por nós, vamos, agora, tecer algumas considerações de caráter mais recente sobre as transformações ocorridas na área dos Maxakali.

(*) «Descorçados pela tenaz perseguição dos portugueses de Pôrto Seguro, encabeçados por Inácio Couto, por não poderem vencer a sua indomesticabilidade, refugiaram-se os índios pelos latifúndios. Depois aldearam-se na nascente do rio Rubim do Sul, paralelo a S. Miguel (Jequitinhonha), não mais surtindo nos povoados, com profundo ódio aos brancos e mamelucos». Cf. Maia, Eduardo Santos: *Impressões de Viagem de Belmonte à Arassuai*, (Sul da Bahia e Nordeste de Minas), Editora Aedpus, Taubaté, S. Paulo, 1936, pág. 17.

IV - Situação atual da Área do Médio Jequitinhonha

Na época em que a exploração do ouro e o diamante era intensa na Área do Alto Jequitinhonha, a colonização da Área do Médio Jequitinhonha era incipiente. A real ocupação da área só se deu recentemente e em condições muito menos agressivas que nos tempos passados. Conforme Marcelo Moretzsohn, «há uns 40 ou 50 anos atrás, quando se iniciou a colonização da região, os primeiros posseiros não tiveram luta com os índios».⁴¹ Todavia, tais contatos resultaram em crescente depopulação da sociedade Maxakali. Conforme dados fornecidos por Harold Popovich e constantes dos arquivos da Divisão de Antropologia do Museu Nacional, a população Maxakali conta 199 indivíduos, sendo 40 na aldeia de Água Boa e 150 na aldeia de Pradinho. É interessante frisar que «pouco antes de começar a colonização da região, os Maxakali possuíam quatro aldeias e ocupavam um território de mais de 10 léguas por dez. Uma epidemia de varíola reduziu estas quatro aldeias a uma única, nas margens do Umburanas, onde um surto de sarampo veio a fazer mais vítimas. Nesse interim houve penetração no território tribal pela compra ilegal de terras. Com a diminuição do território e o desaparecimento das matas, de onde os índios tiravam a sua subsistência, o grupo reduziu-se

41. Andrade, Marcelo J. Moretzsohn de: **Relatório ao Chefe da Seção de Estudos do SPI**, março de 1957, como aluno do Curso de Aperfeiçoamento em Antropologia Cultural.

mais até o tamanho atual de 185 indivíduos. (*) Com o desaparecimento da caça, pesca, coleta de frutos e raízes da mata, os índios tiveram que contar tão somente com a agricultura, que melhoraram com o uso de ferramentas de ferro, cultivo de novas espécies e introdução de técnicas de plantio dos civilizados. Iniciaram um comércio de peles e poaia que perdurou enquanto duraram as últimas matas. Venderam, êles mesmos, pedaços de suas terras, para conseguir algumas cabeças de gado que não puderam reter... Até a época da fundação do Pôsto (1941) havia em tôda a região superprodução de gêneros agrícolas, em virtude de não existirem estradas para o escoamento dêstes... Com a abertura da Rio-Bahia e de outras estradas que ligaram a região a esta grande rodovia, um nôvo mercado surgiu e começou a exportar em grandes proporções. No comércio cada vez maior que se estabeleceu, os índios foram levados a participar, competindo com os agricultores civilizados e entre si mesmos... Dentro das proporções de extrema penúria em que vivem, já há índios com mais fartura e dinheiro que outros, assim como começam a surgir as primeiras especializações, como o costureiro da tribo e o cabeleireiro, que cobram seu trabalho em dinheiro ou em dias de trabalho de outros em suas roças». ⁴²

São notórias pois as transformações operadas na cultura Maxakali, bem como as mudanças operadas na área.

Torna-se relevante, por conseguinte, um estudo das condições de flexibilidade adaptativa do sistema Maxakali, assim como o estudo sistemático da natureza do segmento desbravador da sociedade mineira e dos problemas emergentes daquele processo de desbravamento.

(*) A informação de Popovich é mais recente que a de Moretzohn; assim, no momento atual a população Maxakali vem crescendo sensivelmente; é pois um dado a investigar.

42. Andrade, J. Moretzshon de: Ob. cit., Relatório ao SPI.

Finalmente, além do estudo sincrônico da sociedade Maxakali, ela deve ser, também, entendida em termos de área e de sua dinâmica ou, em outras palavras, em termos das relações estabelecidas entre as duas populações que operam num determinado espaço ecológico, espaço êsse que contribuiu bastante para que elas coexistissem e sobrevivessem. Sobrevivência essa em termos, é claro! Nesta situação de contato, a resultante parece não se traduzir, ao que tudo indica, em assimilação geral dos Maxakali, mas em despovoamento, em depopulação da sociedade indígena que, não se sabe com que sacrifícios, tem resistido secularmente ao traumatismo de uma situação adversa, enquanto outras sociedades tribais, sob as mesmas compulsões, desapareceram.

O Maxakali, ao que parece, a despeito das modificações que sua cultura sofreu em direção ao que, relativamente, se poderia chamar «acaboclamento» — pois, já dizia Curt Nimuendaju, «um têrço dêles são mestiços; não há Machacari fora dessa área», ⁴³ — é ainda um ser tribal, cuja organização social, mais particularmente, o sistema de parentesco parece manter-se intacto, bem como a sua língua e outras características organizatórias. Tratemos, pois, desta segunda parte.

43. Nimuendaju, Curt: Ob. cit., pág. 56.

BREVE CARACTERIZAÇÃO DA SOCIEDADE E DA CULTURA MAXAKALI, ATRAVÉS DE DADOS FORNECIDOS POR ESPECIALISTAS

Críticas e hipóteses de trabalho

Os Maxakali, ao que tudo indica, constituem um grupo isolado, portanto, que não se classifica entre os Jê, nem entre os Tupi, ambos seus vizinhos.

Conforme Curt Nimuendaju «o idioma dos Machacari é muito parecido com as línguas do Macuni, Copoxô, Cumanaxê, Panhame e Monoxô, hoje todos extintos, e mostra também alguma semelhança com o Pataxô o Malali, êste último também hoje língua morta. Martius reuniu essas tribos e mais algumas outras no grupo linguístico dos «Goytacás», admitindo algum parentesco com o grupo Jê. Steinen reduziu o grupo Goytacá aos Machacari, Macuni, Capaxô Cumanaxê e Panhame e, sob reserva, os Pataxô, e fêz dêle uma subdivisão do grupo Jê. Ehrenreich, Rivet e o P. Schmidt conservaram esta classificação. Sòmente em 1931 o tcheco C. Loukotka, examinando outra vez detidamente os escassos vocabulários existentes, chegou à conclusão de que essas línguas, inclusive o Malali, mas exclusive o Pataxô, foram uma família linguística completamente independente da família Jê, e acho que teve nisto razão. Também a cultura dessas tribos, tanto a material como a espiritual, os distanciava grandemente dos Jê».⁴⁴

44. Nimuendaju, Curt: Ob. cit., pág. 61.

Neste sentido, certo estamos de que a pesquisa de reconstrução histórica muito poderá nos esclarecer, principalmente naquilo que diz respeito à reconstrução da organização social e cultural desses grupos. Assim, nós desejamos saber não só se o grupo Maxakali é realmente um grupo «isolado», mas também, se atrás dessas diversas denominações, se esconde o mesmo grupo, segmentado.

Com relação ao grupo Maxakali em si, nós pretendemos estudar minuciosamente as instituições da cultura e os grupos sociais ou agrupamentos; ao mesmo tempo em que trataremos dos «processos», de um ponto de vista etnológico (histórico).

Vamos estudar as instituições do matrimônio e do parentesco como estruturas analíticas, e o grupo familiar ou, outros possíveis agrupamentos que possam existir, como estruturas concretas.

Segundo os dados de Curt Nimuendaju, os Maxakali adotam uma forma preferencial de casamento, a união de um homem com a filha da irmã do pai, ou com a filha do irmão da mãe. A maneira de traçar a descendência opera segundo um critério que toma por base exclusiva a linhagem paterna, isto é, a linha masculina, patrilinear.

Nimuendaju encontrou entre os Maxakali dois tipos de matrimônio secundário: o sororato e o levirato; constatou o casamento preferido e permitido com primos cruzados, que serão particularmente objeto de nossa análise.

Em relatório datado de 22 de maio de 1939 ao Chefe do S.P.I., Curt Nimuendaju diz que «a família dos Machacari é patrilinear e pelo menos predominantemente patrilocal. Não existem fratrias exogâmicas, nem outras divisões duais. Há raros casos de poliginia provenientes de sororato e levirato, fora dos quais a poliginia não parece ocorrer».⁴⁵

45. Nimuendaju, Curt: Ob. cit., pág. 59.

Conforme o texto do Handbook: «êle não encontrou indicação de metades. Neste tempo a maior parte das famílias, habitações individuais e a residência era predominantemente patrilocal. Os primos paralelos são classificados como irmãos e não podem casar; enquanto os casamentos de primos cruzados são permitidos e possivelmente, preferidos. Havia evidência do levirato, bem como de poliginia sororal — a única forma de casamento plural».⁴⁶

Por sua vez, encontramos no «Arquivo de Nimuendaju», existente na Seção de Linguística da Divisão de Antropologia do Museu Nacional, uma relação dos termos de parentesco levantados por aquêle pesquisador quando de sua estada ali, em 1939. Os termos são os seguintes:

TERMOS DE PARENTESCO MAXAKALI

a'tag (1)	pai	diz o filho diz a filha
	irmão do pai	diz o sobrinho diz a sobrinha
	padrasto	diz o enteado diz a enteada
	marido da irmã da mãe	diz o sobrinho diz a sobrinha
'mai(n) (2)	mãe	diz o filho diz a filha
	irmã da mãe	diz o sobrinho diz a sobrinha
	madrasta	diz o enteado diz a enteada

46. Métraux, A. e Nimuendaju, C.: «The Mashacali, Patashó, and Malali Linguistic Families», in *Handbook of South American Indians*, Julian H. Steward, Editor, Vol. I, *The Marginal Tribes*, Smithsonian Institution, 1946, pág. 544.

nyany'a (3)	pai do pai	diz o neto diz a neta
	pai da mãe	diz o neto diz a neta
	irmão da mãe	diz o sobrinho diz a sobrinha
	marido da irmã do pai	diz o sobrinho diz a sobrinha
	pai do marido	diz a nora
txi'Kiy (4)	mãe do pai	diz o neto diz a neta
	mãe da mãe	diz o neto diz a neta
	irmã do pai	diz o sobrinho diz a sobrinha
	mulher do irmão da mãe	diz o sobrinho diz a sobrinha
	mãe do marido	diz a nora
	mãe da espôsa	diz o genro
	irmão	diz o irmão
eh'nei(n) (5)	filho do irmão do pai	diz o primo
	filho da irmã da mãe	diz o primo
	irmã	diz o irmão diz a irmã
te'kēm (6)	filha do irmão do pai	diz o primo diz a prima

	filha da irmã da mãe	diz o primo diz a prima
	filha	diz o pai diz a mãe
	filha do irmão	diz o tio diz a tia
	filha da irmã	diz a tia
	neta	diz a mãe do pai diz a mãe da mãe
	filha do irmão do marido	
	filha da irmã do marido	
	filha da irmã da espôsa	
	mulher do filho	diz a sogra
tig'tak (7)	filho da irmã do pai	diz o primo diz a prima
	filho do irmão da mãe	diz o primo diz a prima
	pai da mulher	diz o genro
	marido da filha	diz o sogro
	marido da irmã	diz o cunhado diz a cunhada
	irmão da espôsa	diz o cunhado
	irmão do marido	diz a cunhada
tig'tēgad (8)	filha da irmã do pai	diz o primo diz a prima
	filha do irmão da mãe	diz o primo diz a prima
	mulher do irmão	diz o cunhado diz a cunhada
	irmã da mulher	diz o cunhado
	irmã do marido	diz a cunhada

Conforme se pode deduzir do esquema, quanto aos termos de primos o sistema é do tipo **Iroquês**; ⁴⁷ quanto ao tipo de organização social é **Dakota**.⁴⁸ Conforme Murdock,⁴⁹ no sistema Iroquês a filha da irmã do pai e a filha do irmão da mãe são chamadas pelo mesmo nome, mas terminologicamente diferenciados dos primos paralelos da mesma maneira que as irmãs; primos paralelos comumente mas nem sempre classificados com irmãs. Está associado com estruturas segmentadas em clãs, sibs ou outros grupos unilineares.

47. «Entre os Iroquês e os Hurons todos os filhos de uma cabana olham suas irmãs da mãe como mães e seus irmãos da mãe como tios; do mesmo modo eles dão o nome de pai a todos os irmãos do pai e o de tia a todas as irmãs do pai. Todos os filhos do lado da mãe e suas irmãs e do pai e seus irmãos são olhados como iguais a irmãos e irmãs, mas com relação aos filhos de seus tios e tias — isto é, de seus irmãos da mãe e irmãs do pai — eles os tratam somente como primos embora eles possam ser tão intimamente aparentados como aqueles que eles olham como irmãos e irmãs. Na terceira geração os tios avós e as tias avós formam-se avós e avós dos filhos daqueles que eles chamam de sobrinho e sobrinha. Isto continua sempre na linha descendente de acordo com a mesma regra». Cf. Sol Tax, citando Lafitau, in «From Lafitau to Radcliffe-Brown», *Social Anthropology of North American Tribes*, Enlarged Edition, Fred Eggan, Editor (vários escritores), pág. 445.

48. «The Dakota Type of Social-Organization: This stable type is the most widespread and typical form of patrilineal organization. The name Dakota, although established in the literature, is really a misnomer, for none of the Siouan tribes of North America, despite frequent allegations to the contrary, appears actually to be characterized by both patrilineal descent and Iroquois cousin terminology... The Dakota type of social structure includes, by definition, all patrilineal societies with Iroquois cousin terminology. In addition, it is widely characterized by non-sororal polygyny, by a family organization of either the independent polygynous or the patrilocal extended type, by patri-clans, by the patrilineal extension of incest taboos, and by bifurcate collateral or bifurcate merging terms for aunts and nieces, all of which traits are predicted by our Theory». Cf. Murdock, G.P.: *Social Structure*, The MacMillan Company, New York, 1949, cap. 8, «Evolution of social organization», pág. 236.

49. Idem, págs. 125, 223, 231, 236, 243.

Além dos Maxakali, outros grupos brasileiros podem ser classificados assim, como por exemplo os Tukuna, (*) os Tukano (***) e os Suruí, (***) todos apresentando uma organização social do tipo Dakota.

Prosseguindo na análise do esquema, constata-se a **quebra do princípio de geração** e a ocorrência de **fusão-bifurcada**.

A fusão-bifurcada é um indício de segmentação do grupo. Nimuendaju nada diz a este respeito. Chega mesmo a negar a existência de metades e fratrias. Nestas condições, um dos nossos objetivos é esclarecer esta questão. Já vimos que a descendência é patrilineal e que a residência é patrilocal. Conforme Murdock, a descendência patrilineal (em alguns casos) seria reconhecida como um laço de união entre os homens residentes, circunstância essa que pode reforçar a nossa hipótese de segmentação, pois esse autor nos mostra que essa união pode resultar em um genuíno «clã-comunidade patrilocal». Murdock deixa entrever que a primeira possibilidade (existem outras) na formação do clã é localizar uma patrilineagem ou patrisib em torno de seus membros masculinos através de uma regra de residência patrilocal. Essa possibilidade existe. Restamos comprová-la no campo.⁵⁰

Da mesma forma, o casamento entre primos cruzados pode ser visto como outro ponderável indício de grupo segmentado. Cumpre-nos levantar aqui algumas perguntas: (vide terminologia de parentesco).

Por que não se distingue o pai do irmão do pai? Por que se distingue a tia paterna e também o tio materno? Por que se distinguem os primos cruzados?

(*) Cf. Roberto Cardoso de Oliveira, Museu Nacional.

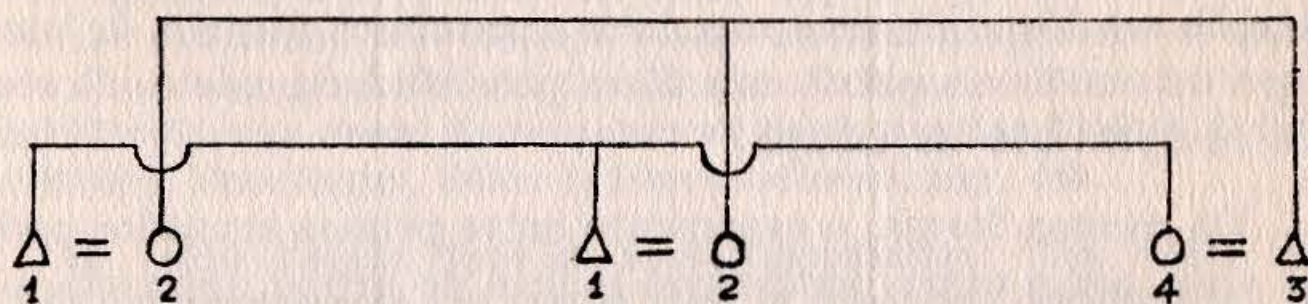
(**) Cf. Roberto Cardoso de Oliveira, Museu Nacional.

(***) Cf. Roque de Barros Laraia e Marcos Magalhães Rubinger, M.N. — F.C.E. da U.M.Gerais.

50. Murdock, G.P.: Ob. cit., págs. 77 e 78.

É evidente, a resposta está em que o pai e o irmão do pai pertencem a um único grupo, diferente, portanto, do segmento da tia paterna, do tio materno ou dos primos cruzados. Lembre-se que o sistema é patrilineal e que, por exemplo, a irmã do pai terá que recrutar cônjuge fora do grupo, passando a residir na casa do espôso, como soe concluir dos dados fornecidos por Nimuendaju. Parece, pois, que estamos diante de um grupo segmentado.

Outro aspecto que procuraremos verificar é a ocorrência de troca de irmãs, pois tudo indica que o casamento se desenvolve sob este mecanismo. Conforme Nimuendaju (vide terminologia de parentesco), o marido da irmã do pai é chamado pelo mesmo termo de irmão da mãe, isto é, se identifica com este. Da mesma forma, a mulher do irmão da mãe é chamada pelo mesmo termo de irmã do pai. Isto nos permitiria concluir que o casamento entre primos cruzados na sociedade Maxakali é (sem um aprofundamento das suas razões) uma das formas de troca de irmãs, a saber:⁵¹



51. Porém, quando examinamos os dados descritivos à luz de conceitos analíticos, muitas coisas que de outro modo não pareciam ser relevantes adquirem significância. Assim, o matrimônio poderia não ser, simplesmente, um arranjo para trocar mulheres, mas um processo de transferência — ou troca — de direitos, sendo as partes e bens envolvidos por um conglomerado de direitos, que não permanecem necessariamente combinados. Pela mesma forma, matrimônio, paternidade, regras de residência, organização doméstica, e conceito de personalidade, tudo se ajusta a um padrão consistente, à luz desta fórmula. A este respeito, remeto o leitor à «Alocução do Prof. Mayer Fortes», Presidente da Secção H, sobre «Análise e descrição em Antropologia Social», Museu Nacional, datilografado.

Por outro lado, procuraremos verificar se, nos casos de levirato e sororato, tais atos funcionam no sentido de reforçar uma aliança já feita, o que seria uma característica endogâmica do grupo Maxakali, no entender de Leslie White. «As instituições de levirato e sororato, obrigando a substituição do marido falecido por seu irmão ou da esposa falecida por sua irmã, a fim de manter intacta a aliança entre grupos, são endogamia. A poliginia sororal e a poliandria fraternal também são expressões do processo endogâmico, estabelecendo e multiplicando laços íntimos e às vezes poderosos pelo matrimônio e, deste modo, promovendo solidariedade».⁵²

Em suma, o sistema apresentado por Curt Nimuendaju é coerente, mas resta ser completado no que se refere a primos cruzados e na extensão de parentes afins. Para isso, tentaremos precisar e aprofundar as genealogias. Contudo, as evidências permitem, *a priori*, afirmar que os filhos de primos cruzados seriam chamados pelo mesmo termo daqueles.

Outra das nossas preocupações é verificar se o sistema levantado por Curt ainda opera. Se não estiver operando, quais os fatores que concorreram para modificá-lo?

Além dos grupos que recrutam seus membros compulsoriamente, isto é, através do nascimento ou do matrimônio, procuraremos investigar a existência de **associações voluntárias**, isto é, aqueles grupos que recrutam seus membros por mecanismos outros, não baseados no parentesco, condicionados biológica, social e economicamente, que dependem relativamente da vontade individual como é o caso da «Associação Masculina do Zunidor»⁵³ que Curt e Métraux dizem existir entre os Maxakali. (A utilidade do conceito de Associação emerge da circunstância de se referir a associações de indivíduos que trans-

52. White, Leslie A.: *The Evolution of Culture*, MacGraw-Hill, 1959, Cap. II, «The Development of Civilization to the fall of Rome», ps. 94-100.

53. Métraux, A. e Nimuendaju, C.: Ob. cit., pág. 545.

cedem a unidades sociais como a família, o clã, o sib, ou outros grupos territoriais, desempenhando, na sociedade, papel tão importante quanto o daquelas associações).

Nossa atenção estará, também, voltada para as transformações que estão ocorrendo no âmbito restrito do território tribal. Desde que as duas aldeias atuais foram separadas, — «as terras dos índios iam do Pradinho ao Água Boa e Bueno, um território pouco maior do que o que atualmente possuem. A penúltima atividade de Fagundes foi vender o território da aldeia, às margens do Umburanas, o que veio dividir a reserva indígena em duas glebas descontínuas, até hoje guardadas pelos índios». ⁵⁴ «As terras da aldeia do Pradinho que agora medimos, não estão ligadas com as da aldeia de Água Boa demarcada em 1940, porque existem vários posseiros entre uma e outra, que se estabeleceram para fora das linhas e que os índios não tiveram força para impedir, ou então, concordaram com a fixação dos mesmos» ⁵⁵ — procuraremos verificar se existem relações de parentesco entre as aldeias e se os indígenas estão habilitados a traçar as conexões genealógicas entre as mesmas, ou se cada uma delas constitui individualmente um grupo endogâmico, além de outros problemas que possam advir desta separação.

Finalmente, não escaparão ao nosso estudo as implicações da organização social com o sistema adaptativo da cultura Maxakali, nos moldes descritos por Julian Steward, Beardsley e outros.

Vimos, no início deste projeto, que a classificação dos Maxakali como «povo marginal» (Steward) torna implícita a ausência de agricultura ou a existência de agricultura incipiente. «Steward provou a dominância de arranjos patrilineais

54. Andrade, J. Moretzsohn de: Ob. cit., Relatório ao SPI.

55. Sampaio, Francisco; Inspetor do SPI: Relatório ao Exmº Sr. Chefe da 4ª Inspetoria Regional do SPI, Recife, 18/10/56.

entre grupos primitivos, cuja base de subsistência residia na caça e coleta e que estavam associados em pequenas bandas seminômades. A organização em bandas patrilineais decorria das possibilidades permitidas pelo habitat geográfico explorado por aquelas técnicas, a caça e a coleta». ⁵⁶

Ora, tudo leva a crer que antes do contato com a sociedade brasileira os Maxakali constituíam um povo caçador e coletor. Evidências disto encontramos nos seguintes trechos de Métraux e Ploetz: «Les Masakali, par contre, semblent avoir preuve d'une répugnance invincible pour l'agriculture dont, cependant, ils appréciaient fort les produits (Saint-Hilaire, t. II, p. 209). Ceux que visita Maximilien de Wied-Neuwied (t. I, p. 376) cultivaient le maïs, le manioc et le coton». ⁵⁷ Nous avons, d'une part, les Botokudo, les Puri, les Pataso, les Kutaso, les Masakali, les Aweikoma, qui mènent une vie nomade et qui cherchent leur alimentation dans la cueillette des fruits et dans la chasse; d'autre part, nous recontrons les Kamakan, les Makuni, les Koroado, les Kaingang qui sont agriculteurs... Il ne fait aucun doute que les colons ont répandu la connaissance de l'agriculture chez les Indiens qui leur étaient soumis. Cela est certain pour les Makuni, Malali et Masakali». ⁵⁸

Vê-se, por conseguinte, que a economia Maxakali sofreu transformações quando êsses índios entraram em contato com os brancos. Conforme dizia Nimuendaju em 1939: «os Machacari vivem sobretudo da lavoura... A caça em terras dos Machacari, como em todo êsse sertão, está hoje quase completamente destruída pela ganância dos negociantes de couros

56. Cf. Galvão, Eduardo: «O Estudo dos Sistemas de Parentesco», *Cultura*, Ministério da Educação e Saúde, nº 5, págs. 27-39.

57. Métraux, A. et Ploetz, Hermann: «La Civilization Matérielle et la vie Sociale et Religieuse des Indiens Zê du Brésil Meridional et Oriental», *Rev. del Inst. de Etnologia de la Universidad Nacional de Tucumán*, tomo I, Entrega 2ª, 1930, págs. 150 e 151.

58. Idem, págs. 227 e 228.

silvestres. Nos pantanais das margens do Umburanas encontram-se ainda capivaras, que os índios caçam com lanças. A pesca exercida com anzóis, puçás e timbó, mas não com a flecha, é de pouca importância». ⁵⁹

Nestas condições, é evidente que estas transformações infra-estruturais podem ter afetado outros setores da realidade social. Procuraremos ver no campo os mecanismos dessas possíveis mudanças e como a estrutura social se comportou ao reformular-se para se adaptar às novas situações.

Hoje, a sociedade Maxakali é totalmente sedentária e impossibilitada de locomover-se, não só pela sua atividade agrícola mas, também, pela ocupação das terras contíguas pela sociedade brasileira. Ao contrário disto, conforme diversos cronistas e etnólogos, constata-se grande mobilidade da Sociedade Maxakali nos tempos da colonização. Em 1734 eles foram encontrados na região do Mucuri, São Mateus e Rio Doce; em 1786 apareceram em Pôrto Alegre, na foz do Mucuri; em 1798 estavam juntos com os seus parentes de língua, os Macuni, perto de Caravelas, na Bahia; em 1801 retiraram-se novamente para o interior, aparecendo em Tocoíós, no Baixo Jequitinhonha, onde permaneceram até 1804; depois foram transferidos rio acima para o então Quartel de São Miguel pelo comandante Julião Fernandes Leão, que naquela época mantinha a guerra contra os Botocudos no Jequitinhonha; por perseguição às suas mulheres, retiraram-se rio abaixo, primeiro para a Ilha do Pão, onde em 1817 foram visitados por Saint-Hilaire e depois ainda mais longe, para a boca do Ribeirão Prates, onde os encontrou Pohl no ano seguinte; dêsses Maxakali uma parte parece ter ficado no interior, pois em 1816 o Príncipe Neuwied encontrou uma pequena aldeia deles no Baixo Jucuruçu (Rio do Prado); depois estiveram em aldeamento no Jequitinhonha, no lugar chamado vila Guarani (Farrancho), isto, até os fins

59. Nimuendaju, Curt: Ob. cit., págs. 59 e 60.

do século passado; devido ao apêto cada vez mais insuportável, e que só trazia um número sempre crescente de adventícios neobrasileiros ao povoado, tiveram de retirar-se rumo a leste, para o Ribeirão do Rubim (do sul), atual vila União; em 1917 essas terras foram ocupadas e em 1921 foram escorraçados daí, indo habitar, finalmente as cabeceiras do Itanhaém (rio de Alcobaça). ⁶⁰

A despeito de que esta mobilidade possa ser explicada em grande parte pelas pressões das frentes colonizadoras, não resta dúvida de que os Maxakali constituíam um povo «caçador-coletor» e por conseguinte, nômade (nomadismo restrito?).

Outro dos nossos objetivos será, pois, o estudo dessa mobilidade e as implicações que ela acarreta na estruturação social do grupo. Para isto, usaremos do conceito de «padrão de comunidade» sugerido por Beardsley, Holder e Krieger. Este conceito inclui a mobilidade de uma comunidade, além de outras características. Existem diferentes graus de mobilidade de uma comunidade. No caso da sociedade Maxakali, conforme os dados de que dispomos, o padrão de comunidade seria do tipo «sedentário semi-permanente», ou seja uma comunidade que pode ser identificada com **uma aldeia, que se estabelece em locais sucessivos**, ocupando cada um deles por um período de anos. A população é estável e continuamente sedentária, mas consegue ser assim somente movendo a aldeia **periódicamente**. Suas características são: agricultura em solos pobres (os Maxakali teriam agricultura incipiente? — a pergunta é nossa); aldeias até 500, 1.000 habitantes; aldeias auto-suficientes; clara divisão do trabalho por sexo na produção do alimento; carne e pesca partilhados; excessos perecíveis de agricultura partilhados em festas; prestígio ligado à distribuição de alimentos; especialização de aldeia ou tribal em cerâmica, cestaria, etc., e conseqüente comércio; clãs ou metades; clãs e metades conjuntamente; chefe cujo poder depende

60. Idem, pág. 54, 55 e 56.

de qualidades pessoais em crise: confederações de aldeias; início de diferenciação social; poliginia; ritos de puberdade; espírito dos mortos; espírito das florestas, dansas com máscaras; «folk drama»; shamãs poderosos; mortos geralmente enterados em casa, sendo esta abandonada. A título de exemplo, têm tais características os Munduruku, os Jívaro, os Witoto, os Tenetehara, os Algonquinos, os Iroquêses, os do sítio de Aruã (arqueologia da foz do Amazonas), os do neolítico na Europa Central e Setentrional.⁶¹

Algumas destas características podem ser encontradas na bibliografia existente sobre Maxakali, outras carecem de demonstração empírica, todavia o conceito de «padrão de comunidade» não deixará de ser útil para uma abordagem bastante fiel da mobilidade desses índios. Deixamos de fazer referências sobre os demais tipos classificatórios apresentados por Berdsley e outros por se afastarem bastante das características Maxakali.

Do exposto, o lugar que seria ocupado pelo grupo Maxakali, se ficar comprovada a sua característica explorativa, é aquele que se traduziu como «padrão sedentário semi-permanente».

Eis, em suma, as questões da mais alta relevância que se colocam diante do investigador ao pretender estudar o único grupo tribal que logrou sobreviver às diversas compulsões por que passaram as sociedades «primitivas» no território mineiro.

Sem dúvida alguma a sociedade Maxakali é uma sociedade «primitiva» cuja história «fêz irrupção em seu seio», mas isto não indica que as transformações culturais por ela sofridas tenham alterado a sua preocupação de «perseverar em seu ser».

61. Berdsley, R.K.; Holder, P.; Krieger, A.D.: «Functional and Evolutionary Implications of Community Patterning», in *Seminars in Archaeology*, 1955.

Permitam-nos, pois, concluir com as palavras de Claude Lévi-Strauss: «Certamente, as sociedades ditas primitivas estão na história; o seu passado é tão antigo como o nosso, visto que remonta às origens da espécie. No curso de milênios, sofreram elas toda a sorte de transformações, atravessaram períodos de crise e de prosperidade; conheceram as guerras, as migrações, a aventura. Mas se especializaram em vias diversas das que nós escolhemos. Talvez tenham elas em certos aspectos permanecido próximas de condições de vida muito antigas; o que não exclui que, sob outros ângulos, dêles se afastem mais que nós. Embora permanecendo na história, essas sociedades parecem ter elaborado, ou retido uma sabedoria particular, que as incita a resistir desesperadamente a toda modificação da sua estrutura, o que permitiria à história fazer irrupção em seu seio. As que tinham, ainda recentemente, melhor protegido os seus caracteres distintivos, afiguram-se-nos como sociedades inspiradas pela preocupação dominante de perseverar em seu ser».⁶²

Este último é um motivo irresistível para o estudo da sociedade Maxakali.

62. Strauss, Claude Lévi: «Antropologia Social», Aula Inaugural da Cadeira de Antropologia Social do Collège de France, in *Rev. Anhembi*, Ano X, nº 119, Vol. XL, outubro, 1960, pág. 252.

ANEXO

UNIVERSIDADE DO BRASIL
MUSEU NACIONAL
DIVISÃO DE ANTROPOLOGIA

65

ESTUDO COMPARADO DAS SOCIEDADES INDÍGENAS
DO BRASIL

R.C. de O

PROJETO

O Museu Nacional está empenhado em realizar um programa de pesquisas etnológicas destinado a contribuir para a elaboração de um quadro comparativo dos sistemas sociais indígenas no Brasil. Conta para esse fim com uma equipe de pesquisadores perfeitamente adestrada para levar a bom termo esse empreendimento. Essa equipe é o resultado dos esforços do M.N. aplicados na formação de pessoal com a criação, em 1960, do «Curso de Teoria e Pesquisa em Antropologia Social», e, em 1961, com o «Curso de Especialização em Antropologia Cultural». Em ambas as oportunidades, contou o M.N. com os auspícios do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Brasil que forneceu bolsas aos alunos-estagiários, pós-graduados, e suplementou os salários dos professores a fim de garantir dedicação exclusiva aos Cursos. Considerando-se que a carência de pessoal especializado tem se constituído num dos pontos de estrangulamento da pesquisa científica no País, estamos certos que o M.N. deu um grande passo no sentido de revitalizar a investigação etnológica entre nós.

O segundo passo a ser dado, como é óbvio, é o de colocar em atividade essa equipe. Para isso, indispensável torna-se a colaboração de instituições criadas para a promoção e o financiamento da pesquisa científica, dentre as quais se destacam os Conselhos de Pesquisa, notadamente o Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), na órbita federal, não universitária, e o seu congênere — Conselho de Pesquisas da UB — dentro do sistema universitário. O CNPq vem contribuindo, no caso particular da Etnologia, com verbas destinadas ao Museu Paraense «Emílio Goeldi», de Belém do Pará, que sem as quais não manteria um dos melhores grupos de etnólogos do País. Esclareça-se, todavia, que a quase totalidade das verbas que o CNPq canaliza para aquela Instituição são consumidas no pagamento de salários de seus pesquisadores, ficando a pesquisa sacrificada, sem poder desenvolver-se de conformidade com as potencialidades do «staff». Ora, a posição do M.N.,

nesse sentido, é extremamente vantajosa, uma vez que a maior parte de sua equipe pertence ou aos quadros do MEC ou da própria Universidade do Brasil, dispondo de uma situação bastante favorável à obtenção de financiamento para seus programas de pesquisa. Tais programas não serão «unilaterais» — como o acima referido —, mas «bilaterais», como o que se está propondo neste projeto ao Conselho de Pesquisas da UB: o M.N. concorrerá com pessoal (com exceção de um pesquisador) e esse Conselho com as dotações necessárias à atuação desse pessoal na pesquisa.

I

A variedade de grupos tribais no território brasileiro e a falta de conhecimento adequado sobre sua imensa maioria, bem como o fato de seu gradual desaparecimento, são razões suficientes para atestar da relevância dos seguintes estudos, estreitamente vinculados entre si no plano teórico, (i.e. com uma única orientação na formulação dos problemas de investigação), e com a utilização dos mesmos recursos metodológicos, quais sejam os fornecidos pela análise funcional-estrutural. O plano prevê o estudo simultâneo de cinco tribos, que têm em comum o fato de possuírem estruturas sociais segmentadas em **grupos unilineares de descendência** tais como clãs, sibs, linhagens ou metades. São elas: os TUKUNA (do alto rio Solimões, Estado do Amazonas), os SURUI (do rio Sororó, afluente do Tocantins, no Estado do Pará), os GAVIÕES (do médio Tocantins, margem direita, no Estado do Pará), os KRAHÓ (junto do rio Manoel Alves Pequeno, município de Pedro Afonso, Estado de Goiás) e os MAXAKALI (nas cabeceiras do rio Itanhaém, Estado de Minas Gerais). As três primeiras pesquisas já foram iniciadas, uma em 1959 e as duas outras em 1961; em 1962 as três deverão ter prosseguimento para serem concluídas em 1963. **As duas últimas — com os Krahô e com os Maxakali — serão iniciadas em 62 e já sob os auspícios desse Conselho.** Todas essas pesquisas serão coordenadas pelo autor do presente Projeto, que ainda terá a seu cargo o estudo dos índios Tukuna.

a) **Pesquisa Tukuna** — Em 1959, sob os auspícios do Conselho Nacional de Pesquisa, permanecemos dois meses entre os Tukuna, investigando o processo de manufatura do Curare e o lugar desse veneno na cultura tribal; paralelamente, realizamos um censo de duas das maiores concentrações Tukuna na área: o igarapé Belém e a comunidade de Mariuaçu, junto ao Pôsto Indígena do Serviço de Proteção aos Índios. Nessas áreas a pesquisa se concentrou na investigação da organização social desses índios e em suas relações com a sociedade

brasileira regional. Como resultado dessa primeira etapa, escrevemos os seguintes trabalhos: «Aliança Inter-clânica na Sociedade Tukuna» (in *Revista de Antropologia*, vol. 9, 1961, São Paulo), «Considerações sobre um Curare Tukuna de fabricação recente» (a sair em *Boletim do Museu Nacional*, série Botânica, em colaboração com um botânico e um farmacólogo) e «A situação dos Tukuna e a Proteção Oficial» (Comunicação apresentada à V Reunião Brasileira de Antropologia (Belo Horizonte, 1961). Nessa segunda etapa, a ser efetivada em 1962, estudaremos a sociedade Tukuna focalizando, de modo intensivo, as suas instituições mais estratégicas e cruciais, como Parentesco e o Matrimônio, cuja compreensão de seus respectivos funcionamentos muito nos esclarecerá sobre a natureza de seus clãs e de suas metades. Nessa etapa o período de «campo» estará concluído para em 1963 apresentarmos o relatório final.

b) **Pesquisa Surui** — Essa pesquisa estará a cargo do Antropólogo Roque de Barros Laraia (do Q.O. do MEC), graduado pelo Curso de Teoria e Pesquisa em Antropologia Social, por nós ministrado em 1960. Durante esse Curso foi um dos membros da equipe que conduzimos ao Sul de Mato Grosso para estudar os índios Terêna, urbanizados. Os índios Surui ou Mujetire, como também são conhecidos, foram praticamente descobertos pela Etnologia há menos de dez anos, e desde então vêm sendo periodicamente visitados por frades Dominicanos e por exploradores de riquezas naturais da região. Em 1957, quando estivemos visitando os índios Tapirapé, obtivemos algumas informações sobre esse grupo indígena, através de um informante Tapirapé; esse índio havia sido intérprete de um frade dominicano, por ocasião de sua visita à maloca Surui. Os dados obtidos indicavam uma população de 60 a 80 indivíduos, de língua Tupi e, provavelmente, constituíam um ramo dos Assurini, do baixo Tocantins. Ao contrário destes, que ainda permanecem hostis, os Surui são pacíficos e vêm aceitando o contato sem reações belicosas. **Em 1961, o referido antropólogo permaneceu entre eles quatro meses seguidos, contando com a colaboração do então estagiário-bolsista Marcos Magalhães Rubinger, como seu pesquisador-auxiliar — que, com essa experiência, credenciou-se a realizar a pesquisa entre os Maxakali, de que trataremos adiante, no lugar apropriado.**

c) **Pesquisa Gaviões** — Como a anterior, a pesquisa entre os Gaviões foi iniciada em 1961 pelo Antropólogo (do Q.O. do MEC) Roberto Augusto da Matta, também graduado pelo «Curso de Teoria e Pesquisas em Antropologia Social» e ex-componente da equipe que, sob minha direção, estudou os Terêna citadinos no ano de 1960. Os índios Gaviões,

de língua Jê, acham-se bastante próximos dos Apinayé, havendo mesmo quem os identifique como um ramo Apinayé. Esses Gaviões localizam-se numa larga área que vai desde a confluência Tocantins-Araguaia, na margem direita do primeiro rio (nas nascentes do Jacundazinho) até o lugar banhado pelo igarapé Praia Alta, próximo às localidades Jacundá e Itupiranga. O alto significado desta pesquisa para a Etnologia Brasileira é evidente quando consideramos que eles representam os últimos índios do «ramo Timbira» ainda relativamente isolados da sociedade neobrasileira regional, contando ainda com alguns bandos hostis. O trabalho será concentrado na descrição e análise do sistema social, para comparação posterior com as instituições e grupos sociais dos já citados Apinayé, Canela, Krahô e demais grupos do «stock» Jê, como os de língua Akuwê (Xavante, Xerente) e Kayapó (Gorotire, Kuben-kran-keng). Nessa pesquisa colaborou, na condição de pesquisador-auxiliar, o aluno-bolsista Júlio Cesar Melatti, preparando-se, assim, para realizar sua própria pesquisa com os Krahô. A semelhança da pesquisa iniciada entre os Surui, a primeira etapa do estudo dos Gaviões foi realizada em 4 meses de trabalho contínuo em suas aldeias.

d) **Pesquisa Krahô** — Esses índios serão estudados pelo Lic. Júlio Cesar Melatti, graduado pelo «Curso de Especialização em Antropologia Cultural», ministrado pelo Prof. Luiz de Castro Faria e pelo Autor deste projeto, no exercício de 1961. Essa pesquisa se justifica por se tratar de índios muito semelhantes aos Gaviões — como acima ficou referido — mas por apresentarem, como contrapartida, uma situação intercultural bastante diferente, uma vez que se acham em convívio com a sociedade brasileira há cerca de meio século. As mudanças que puderem ser surpreendidas na organização social Krahô, deverão ser de alto valor explicativo da dinâmica do sistema social «tipo Timbira», podendo ainda nos fornecer indícios capazes de permitir alguma previsão quanto ao desenvolvimento (ou evolução) da organização Gavião. O período de campo está previsto para 4 meses, em 1962, devendo ainda o etnólogo retornar por outro período igual em 1963. O etnólogo em aprêço será o único membro da equipe a retirar seus vencimentos da verba solicitada a esse Conselho para cumprimento do presente Projeto.

e) **Pesquisa Maxakali** — Será realizada pelo etnólogo Marcos Magalhães Rubinger, graduado pelo «Curso de Especialização em Antropologia Cultural» e Professor-Assistente de Antropologia da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade de Minas Gerais. Nosso estagiário em 1961, o referido etnólogo continuará ligado à equipe em 1962, recebendo nossa orientação e fornecendo os dados etnológicos de que temos necessidade, ainda que volte a ministrar aulas em sua Faculdade,

durante os períodos de trabalho de gabinete. Localizados na zona dos formadores do rio Itanhaém, no Estado de Minas Gerais, os Maxakali permaneceram até hoje praticamente «isolados» da sociedade brasileira, sem estabelecerem uma situação de contato que permitisse um convívio contínuo e sistemático com as suas frentes de expansão. É um grupo indígena alófilo, i.e. seus membros falam uma língua que não tem semelhança com qualquer outra; por outro lado, podem ser considerados como os derradeiros representantes de tribos possuidoras de sistemas sociais segmentados, e localizados próximos à faixa litorânea do Brasil. Urge que se estude esses índios enquanto ainda conservam plenamente operativa a sua estrutura social original, pois dificilmente eles manterão durante muito mais tempo esse relativo isolamento de que ora desfrutam. Os trabalhos de campo serão realizados em duas etapas: a primeira, em 1962, gastará 4 meses; a segunda, em 1963, marcará o retorno à aldeia, com prazo ainda a ser fixado.

Rio de Janeiro, 9 de outubro de 1961

Roberto Cardoso de Oliveira

Pesquisador da U.B.

Chefe da Secção de Antropologia Cultural.

...

...



PUBLICAÇÃO Nº 282
 IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE MINAS GERAIS
 Caixa Postal 1.621 — Belo Horizonte — Brasil
 Edição do Autor

LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF TORONTO
100 St. George Street
Toronto, Ontario
M5S 1A5